

ANÁLISE DE ELEMENTOS VERBAIS E NÃO-VERBAIS NO GÊNERO DISCURSIVO DRAMATIZAÇÃO

Neilton Farias Lins¹
Universidade Federal de Alagoas

RESUMO: Este estudo pretende analisar os elementos verbais e não-verbais no gênero discursivo dramatização. Tal estudo baseia-se nas teorias propostas por SANTOS (2004), KERBRAT-ORECCHIONI (2006, p. 39), KNAPP & HALL (1999), KREPS (1995), RECTOR & TRINTA (1999). Os quais partilham a idéia de que os elementos verbais e não-verbais não podem ser dissociados na interpretação interativa.

Palavras-Chave: Gêneros discursivos, interação, elementos verbais e não-verbais.

ABSTRACT: *This study pretends to analyze the verbal and no-verbal elements in the gender discursive dramatization. Such a study is based on the theories proposed by SANTOS (2004), KERBRAT-ORECCHIONI (2006, p. 39), KNAPP (1999), KREPS (1995), RECTOR & THIRTY (1999). Which share the notion that the verbal and no-verbal elements cannot be dissociated in the interactive interpretation.*

Key-Words: *Discursive genders, interaction, verbal and no-verbal elements.*

1. Considerações Iniciais

Há algumas coisas na vida que aprendemos a não abrir mãos desde cedo, como, por exemplo: amor de pai e mãe, boa alimentação e em horários adequados, carinho, amizades, brincadeiras, etc. Coisas dessa natureza vão definir que tipo de pessoas seremos na vida a fora. Esses indivíduos possuem poderes capazes de definir nossas personalidades e nossas atuações futuras. Somando a esses elementos mencionados há um que considerado muito importante que é a conversação. Marcuschi (1997, p.14) diz que a conversação *é o gênero básico da interação humana*, além disso, ele diz ainda que *é algo a qual estamos expostos e nunca abdicaremos por toda vida*. Segundo Lins (2008, p.03).

O homem age e interage socialmente com o outro através da língua, para expressar para alguém que o ama, para dizer que o odeia, para fazer uma receita de bolo, uma lista de compra, discursar em uma formatura, congresso, seminário,

¹ Mestrando - Universidade Federal de Alagoas

palestra, comício político. Enfim, é através da língua que o homem se comunica com o seu interlocutor.

Logo, o ato da comunicação é algo inerente aos seres humanos, os homens em sua essência precisam construir relações entre si, assim, há de convir que nenhuma relação humana é tão significativa quanto esse elemento, logo, é possível afirmar que o ato comunicativo é um dos maiores bens que o homem pode desfrutar, essa capacidade de se comunicar o diferencia dos outros seres. Nessa perspectiva, podemos concluir que não há vida sem comunicação, dela o homem depende, nessa perspectiva está amplamente vinculada a uma outra palavra, a interação.

Ocorre interação quando a ação de uma pessoa desencadeia uma reação a um outro (humano ou não). Seria uma *ação* de um objeto físico sobre outro, ou seja, em se tratando de comunicação seria ação que acontece entre dois interlocutores diferentes em uma situação comunicativa, em que uma se predispõe a cooperar com o outro na conversação.

Para que haja comunicação e interação, é necessário que leve-se em conta alguns outros fatores que não são palavras escritas ou faladas, mas que fazem coerentes os discursos. São sinais que nosso corpo comunicam aos nossos pares interacionais. Os não-verbais. Oliveira (2007, apud Kerbrat-Orecchioni 2006, p.53) diz:

Ao se falar de diálogo, não basta somente a presença de duas pessoas, falando alternadamente e engajadas no processo de conversacional, ratificados também pelo comportamento não-verbal, mas a validação de seus enunciados devem ser *mutuamente determinados*, ou seja, a conversação se caracteriza por ser um texto que se tece no coletivo, “ no qual todos os fios devem de certo modo se enlaçar...”

Parte de nossa comunicação se dá através de elementos constitutivos de nossa língua, não apenas os verbais como também os elementos complementares de nossa língua, os não-verbais, assim interagimos com nosso corpo, dessa forma como bem salientou Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 39), que se *excluirmos da análise das conversações todos os elementos não-verbais, seremos em alguns casos incapazes de explicar a coerência do diálogo, na medida em que nele, por vezes, intervêm sucessivamente atos verbais e não-verbais* e ainda

baseado no que diz Santos (2004) não há elementos verbais e não-verbais de forma isoladas, mas fazem parte de um todo do sistema linguístico, esses só acontecem em um

continuum. ...componentes de um plano total e co-expressivo de um único complexo *ideacional*, *constituindo o significado do enunciado...*

É praticamente impossível estudar os elementos verbais e não-verbais e sem ter que não se situar em um determinado gênero discursivo, visto que, baseado em Bakhtin (1995) que defende que em todas as esferas da atividade humana, a utilização da língua realiza-se em formas de enunciado (orais e escritos), concretos e únicos, Marcuschi (2003) vem nos informar que os gêneros aparecem na perspectiva da *fala* e da *escrita* dentro de um *continuum tipológico* das práticas sociais de produção textual.

Nessa concepção fora feita uma pesquisa da influência dos elementos não-verbais no gênero do discurso dramatização (doravante G.D.D.) e uma análise discursiva conversacional desse gênero. Antes porém, é conveniente apresentarmos um rápido conceituação de Gênero do Discurso e do gênero dramatização.

2. Gênero do Discurso

A palavra “gênero” sempre foi bastante utilizada pela retórica e pela literatura com acepção designadamente literária. Segundo Todorov (1978), essa palavra tem sido usada desde Platão, cujo objetivo era distinguir o lírico, em que apenas o autor falava; o épico, em que o autor e personagem falam; o dramático ,em que apenas a personagem falava. Brandão (2001, apud Santos, 2004) dizia que *o estudo de gêneros foi uma constante temática, interessa aos antigos... tanto na retórica quanto às pesquisas em, semiótica literária e teorias linguísticas.*

Vejamos algumas considerações teóricas sobre gêneros do discurso por teórico tais como: Bakhtin (1995), Rojo (2000), Marcuschi (2003), Shneuwly & Dolz (1997).

2.1. Consideração Teórica de Bakhtin

Antes de tecermos qualquer comentário sobre Gêneros discursivos (G.D.), Bakhtin (1995) define a enunciação como um produto da relação social e completa que qualquer enunciado fará parte de um gênero. Defende que em todas as esferas da atividade humana, a utilização da língua realiza-se em formas de enunciado (orais e escritos), concretos e únicos. Esse autor agrupa os

gêneros em dois grupos: os gêneros primários – ligados às relações cotidianas (conversa face a face, linguagem familiar, cotidiana etc; em um ângulo mais direto, esses gêneros são os mais comuns no dia-a-dia do falante e os secundários – mais complexos (discurso científico, teatro, romance etc.), referem-se a outras esferas de interação social, mais bem desenvolvidas.

Seguindo essa linha de pensamento, Bakhtin (1995. p.248) vê os GD como: coerções estabelecidas entre as diferentes atividades humanas e o uso da língua nessas atividades, ou seja, as concepções das práticas discursivas.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de se surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua .

2.2. Considerações Teóricas – Rojo (2000)

Rojo (2000) acentua que a definição de um *gênero discursivo está relacionado a uma esfera da comunicação*. Segundo essa autora, *o falante estaria impossibilitado de criar, modificar, alterar um gênero*. Apóia em Bakhtin (1997), o qual defende que *não pode haver conceitos preestabelecidos, ou modelos precisos e que não necessitem de acabamento*, tendo em vista que mesmo fixa a inclusão de um determinado gênero em um domínio discursivo sucinto, esse será sempre inconcluso.

Isso se deve ao fato de alguns fatores dificultarem sua conceituação, como, por exemplo, o gênero textual carta pessoal em sua essência é visto como um gênero discursivo, cujas características estruturais e funcionais diferem, se fizermos inclusão desse mesmo gênero carta pessoal no gênero discursivo romance. O gênero romance forçará a perda das características inerentes ao gênero carta pessoal, tendo em vista que gênero romance terá supremacia sobre carta pessoal, isso implica a mudança do sentido do gênero discursivo carta pessoal. Essa negociação de sentido será construída pelo leitor.

2.3. Considerações Teóricas – Marcuschi (2003)

Quando trata de gênero discursivo, Marcuschi (2000) opta pela expressão Gêneros Textuais, uma vez que se trata de aspectos que são constituídos da natureza empírica, sejam inseparáveis ou extrínsecos da língua. Tal denominação também é justificada por se tratar de algo realizado numa situação discursiva, entretanto se a opção for a de gênero discursivo, refere-se à situação realizada no campo do discurso, isto é, a uma situação discursiva, como o contexto alude o seu aspecto sócio-comunicativo. Esse teórico (op.cit., 29-30) assinala a designação de gêneros comunicativos.

Marcuschi (2000) defende que o ensino que focalize o aprendizado da língua portuguesa, a exploração dos gêneros textuais nas modalidades da língua falada e escrita serão presumivelmente mais bem-sucedidos, visto que os alunos obtêm capacidade de se expressar distintamente nas manifestações às quais sejam expostos.

2.4. Considerações Teóricas – Dolz & Schneuwly

Schneuwly (1994.b) vê os gêneros discursivos como *instrumentos* para o ensino da linguagem, os quais atribuem capacidades aos usuários da língua para agirem e interagirem em diversas situações comunicativas, pelas circunstâncias de pertencerem à situação que gerou a linguagem. Seguindo essa linha de pensamento, o autor enfatiza que o *instrumento* pode ser característico elo entre o homem e a ação, visto que, ao tornar-se próprio pelo sujeito da ação, torna-se útil, permitindo alteração no esquema da sua utilização e alteração, logo, não apenas age no meio em que vive o indivíduo, mas no próprio indivíduo.

Com base nas teorias de Bakhtin (1953/1979/1997), Shneuwly & Dolz (1997) acentuam que a escola sempre trabalhou com gêneros do discurso, visto que *são transpostos para sala de aula com a finalidade de servirem como suporte para atividades e práticas para construção de conceitos linguísticos*. Dessa forma, Shneuwly & Dolz (1997, p.5) os definem como gêneros escolares, “*são autênticos produtos culturais da escola, elaborados como instrumentos para desenvolver avaliar progressivamente e sinteticamente a capacidade de escrita dos alunos*.”

3. Os aspectos conversacionais no gênero dramatização

A conversão é uma atividade linguística fundamental. Ela se associa ao fazer habitual de qualquer cidadão, sem levar em conta qual o nível sócio-cultural a que ele pertence, a conversão representa a relação verbal em que dois ou mais indivíduos se alternam, interagindo através da língua sobre objetos propiciados pela vida diária. Marcuschi (1986) fez comentários à conversação, dizendo: “*a conversação é a primeira das formas da linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicaremos pela vida afora*”.

As matérias conversacionais são tão abundantes quanto gratuitas, visto que a condição necessária para que haja conversação entre duas ou mais pessoas é que ambas manifestem interativamente desígnio de entrar em contato ou ponderem sobre determinado assunto.

O gênero em estudo vem mostrar esse argumento facilmente, por exemplo, logo no início da dramatização o L1 conversar com Jesus sobre o direito às almas.

L1- ((falar sem olhar para L2))olá Jesus! o que fazes tu aqui?

L2 – ((L2 se vira para as personagens como se as tocasse)) vim buscar e salvar a quem um dia havia perdido.

L1 – pois aqui, só vai encontrar uma prostitutazinha, um casal que só falta se matar, um crente sem compromisso, uma mendiga morta de fome, um jovem drogada, o que quer com eles, em? ((aponta para L2 a fim de o identificar e como se desejar o acusar, mas sem olhar para ele))

L2 – Satanás, esses sãos não precisam de médico ((L2 aponta para a platéia e em seguida aponta para as personagens que a essa altura ainda estão de costas, como se fosse uma forma de demonstrar o(s) elemento(s) a que se refere)).

L1 – belo discurso seu! quer dizer enTÃO::: que tu ((L1aponta para L2)), vai descer do alto? sentar no trono. colocar suas mãos puras e santas nos meus::((L1bate no peito como um forma de demonstração de poder sobre aquelas pessoas)) cachorrinhos sujos, É:::?

L2 – se for preciso sim, porque ainda há santos na minha presença, dispostos a me honrar, me adorar, me servir. agora seus SERvos Satanás são todos movidos pelo prazer.

L1 – então vai, usas teus servos em vão, porque o inferno para onde muitos vão ((L1 aponta para a platéia)) é muito pior.

Os elementos conversacionais estão postos nesse fragmento, como por exemplo: perguntas/respostas, passagem de turno, tomada de turno, pausas, prolongamentos de vogais, ênfase em sílaba, elementos gestuais, dentre outros.

4. Gênero Discursivo Dramatização

Antes de pensarmos dramatização, percorramos o conceito de gênero dramático estudado pela retórica e teoria literária e, assim, há necessidade de se fazer um paralelo entre esse gênero literário e o discursivo dramatização. Infante (2001) diz:

Como indica o próprio termo “dramático” (que provém do verbo grego *drao*, “fazer, agir”), a principal característica desse gênero é a ação, que se desenvolve diante do espectador... Personagens ²(*interlocutores*) agem e falam ³(interagem)...

A base desses dois gêneros literário e discursivo é o diálogo, que se estabelece entre os interlocutores numa comunicação viva, face a face, espontânea, e de certa forma livre, visto que são escritos na intenção de serem apresentados oralmente, em que esses gêneros trazem consigo uma forte influência da língua falada ou conversação propriamente dita, de forma que suas transmissões abrangem especificamente o aspecto oral da língua, embora tenham forma escrita e instruções a serem seguidas, mas tais textos transpõem o aspecto escrito, sendo enfático o aspecto oral ou mundo da fala.

Isso se justifica pela interação que há entre os interlocutores na conversação, como, por exemplo: correção de falas, assalto e tomadas de turnos, truncamentos, sobreposição de vozes, passagem de turnos, repetições de frases, estruturas e idéias, uso constante dos marcadores discursivos característicos de conversação espontânea, dentre outros aspectos discursivos que há na correlação entre esses dois gêneros e a conversação espontânea. Assim, defendemos que o gênero dramatização recebe incorporação da língua falada de forma enfática, ou melhor, esse gênero nada mais é do que texto escrito com formato de oralidade.

² Grifo nosso.

³ Grifo nosso.

5. Teoria e Metodologia

As amostras utilizadas para esta análise foram retiradas de uma dramatização de uma peça, gravada em áudio e vídeo, na ocasião de uma feira de conhecimento dos alunos de ensino fundamental e médio de uma escola da rede pública de Alagoas, em Rio Largo. Convém ressaltar que a transcrição dessa peça foi elaborada levando em considerações as convenções de transcrição estabelecidas a partir das propostas de Castilho e Preti (1986), Koch (1995) Marcuschi (2002).

Após assistir várias vezes ao gênero dramatizado(dramatização), é que foi transcrita parte do corpus. Sendo feita a análise sob o ponto de vista prosódico, em especial enfatizando os elementos não-verbais relacionados ao fenômeno investigado neste trabalho.

A abordagem teórica deste trabalho foi embasada nos postulados teóricos de Kerbrat-Orecchioni (2006, p.53), Santos (2004), Bakhtin (1995), Rojo (2000), Marcuschi (2003), Shneuwly & Dolz (1997), Knapp & Hall (1999), Kreps (1995), Rector & Trinta (1999).

6. Apresentação dos resultados

A dramatização se dá em uma sala de aula, que é o cenário da peça em estudo. O Cenário era de pouco iluminação, o que caracterizou a dramatização foi o aspecto do cenário, o qual dava uma sensação funesta nos espectadores. E assim inicia...

Ouvem-se gritos das personagens que entram no cenário acorrentados por L1. L1 arruma L3, L4, L5, L6, L7, L8, L9, L10, L11 e L12 em um determinado lugar, como se aprisionasse cada naquele lugar, de forma que L3, L4, L5, L6, L7, L8, L9, L10, L11 e L12 não se movem mais de seus lugares para outro, em seguida entra em cena L2, que toca em cada um que está de certa forma aprisionado pelos poderes de L1, os quais começam a se mover.

Enquanto isso, L1 anda de um lado a outro como quem está vigiando algo precioso e com ares imponente. Quando L2 toca a todos, ele se movem, se posicionam no fundo do cenário e ficam de costas para a platéia. Nesse instante, começam o diálogo entre o L1 e L2.

L1- ((falar sem olhar para L2))olá jesus! o que fazes tu aqui?

L2 – ((L2 se vira para as personagens como se as tocasse)) vim buscar e salvar a quem um dia havia perdido.

A personagem L1 fala com L2 sem olhar para ele como se de seu rosto fulgurasse uma luz que ele não pudesse aguentar. Segundo Rector & Trinta (1999) o gesto usado por L1 é nomeado por esses teóricos como: Gestos adaptadores. Em que esconde o rosto para não ser tocado pelo brilho do rosto de L2.

Já L2 se vira para L3, L4, L5, L6, L7, L8, L9, L10, L11 e L12 como se as tocasse, os estudos desse elemento não-verbal vem demonstrar que o outro o reconhece, indica disponibilidade, significa estreitamento ou distanciamento, é caracterizado como afeto e quando ocorre permite a existência da interação. Os tipos de toque podem ser um afago nas costas, no ombro, nas mãos, no braço, no cabelo ou na cabeça, além do beijo no rosto (cumprimento).

Um outro elemento em destaque na dramatização em análise é a presença do movimento de apontar que segundo Knapp & Hall (1999, p. 203) que esse movimento *podem ajudar a indicar uma pessoa ou um objeto específico que esteja sendo discutido. Os gestos que desenham a forma ou o movimento do referente [...] podem ser usados para ajudar um ouvinte a visualizar traços associados a referentes concreto.*

L1- ((**falar sem olhar para L2**))olá jesus! o que fazes tu aqui?

L2 – ((**L2 se vira para as personagens como se as tocasse**)) vim buscar e salvar a quem um dia havia perdido.

L1 – pois aqui, só vai encontrar uma prostitutazinha, um casal que só falta se matar, um crente sem compromisso, uma mendiga morta de fome, um jovem drogada, o que quer com eles, em? ((**aponta para L2 a fim de o identificar e como se desejar o acusar, mas sem olhar para ele**))

L2 – satanáas, esses sãas não precisam de médico ((**L2 aponta para a platéia e em seguida aponta para as personagens que a essa altura ainda estão de costas, como se fosse uma forma de demonstrar o(s) elemento(s) a que se refere**)).

L1 – belo discurso seu! quer dizer enTÃO::: que tu ((**L1aponta para L2**)), vai descer do alto? sentar no trono. colocar suas mãos puras e santas nos meus::((**L1 bate no peito como um forma de demonstração de poder sobre aquelas pessoas**)) cachorrinhos sujos, É:::?

L2 – se for preciso sim, porque ainda há santos na minha presença, dispostos a me honrar, me adorar, me servir. ((**L2 aponta para L1**)) agora seus SERvos satanáas são todos movidos pelo prazer.

L1 – então vai, ((**gesticula com se estivesse expulsando L2**)) usa teus servos em vão, porque o inferno para onde muitos vão ((**L1 aponta para a platéia como se estivesse envolvendo a mesma na peça e as predestinando ao inferno**)) é muito pior.

L1 – vamos brincar?

L1- eu vou brincar/ de te acusar, ((**L1 aponta para L2, mostrando que é ele que será acusado**)) mostrarei o seu pecado de estimação::((**L1 pisa no chão com violência como forma de insulto**)) aqui em cima ou quer dizer que vocês também não tem pecado.

e vocês ((**aponta para platéia**)) querem brincar ou não?

A análise desse gênero mostra um outro elemento não-verbal muito usado, que é muito comum entre os falantes, as famosas tapinhas no braço, nas costas, nos ombros, etc. O que pode ser indicativo de pedido de atenção, carinho, cumprimento, dentre outros, mas no caso dessa interação é na verdade uma forma de agressão que a mãe utilizou a fim de punir a filha.

L5 – L6 – queremos de graça ((**joga L4 no chão**)), você é um lixo ((**apontam para L4 no chão**))

Outro elemento não-verbal muito usado pela sociedade aparece nesse gênero que em algumas situações são indicadores de carinhos, muito comum entre pais e filhos(as) outras vezes surgem com forte desígnio sexual. O movimento de batido de mãos nas pernas indicando colinho, colinho do papai, esse movimento tem uma característica de aproximação e contato.

HECHT et al (1999) classifica esse elemento não-verbal como: Contact codes – proxemics and tactile communication (Códigos de contato – proxêmica e comunicação tátil – tacêsica) . A comunicação tátil – ou tacêsica – está relacionada com o toque e com o contato físico: agarrar, dar tapinhas, abraçar, acariciar, beijar.

L5 – e aê priminha! tá quase no ponto em! vem, vem sentar no colinho do papai.

L5-L6-L7-L8-L10-L11-L12- - no colinho do papai, no colinho do papai
((**personagens fazem sinais pedindo silêncio**), chi:::

Embora não tenha acontecido isso não no fragmento citado, mas a intenção de L4 era exatamente essa, que L4 se sentasse no colo de L5. Além desse gesto há um posicionamento de dedo na boca pedindo silêncio, que KNAPP & HALL (1999, p. 192) o chama de gestos independentes da fala, tais gestos são aqueles em que para seu entendimento não há necessariamente a obrigação de que haja palavras para o definir, visto que todos o entendem facilmente.

Já o contato físico ou comunicação tátil que vai acontecer nos seguintes fragmentos.

L4 – e aê cara! ((**L4 passa a mão sobre os ombros de L5 como uma forma e conquista e aproximação**)) tá afim de um programa? satisfação garantida, já falei essa frase um bucado de vezes, mais nunca era um gato como esse.
((**gesticula com as mãos como se tentasse dá vida as suas palavras**)) fazer o que né!

L6 – e ai morena! ((**L5 e L6 tentam arrastar L4 a força**)).

Outros elementos estão presentes no texto, mas minha intenção não é explorar cada um, apenas fazer um breve levantamento desses dados no gênero do discurso dramatização, tentar demonstrar como os mesmos surgem espontaneamente no gênero em estudo, sua influência e função na língua falada. Além disso, mostrar que tais elementos são essenciais para coesão e coerência do discurso, mesmo sendo de um texto elaborado com a finalidade de ser dramatizado.

7. Considerações finais

Não se concebe mais um estudo linguístico que não leve em consideração os elementos não-verbais como objetos de pesquisa, tais elementos auxiliam na melhor compreensão do que é dito. Além disso, sua leitura poderá fornecer elementos primordiais para o estudo da aquisição da linguagem. Por exemplo, o professor que o tempo todo se posiciona frente ao quadro e no meio da sala poderá trazer ao aluno uma percepção de distanciamento, e o aluno terá certo receio de se aproximar dele, o que dificultará possível aprendizagem do aluno. Já o professor que costumeiramente passeia na sala e que toca no aluno, terá maior aproximação ao aluno, o que poderá favorecer melhor interação com a turma e melhor aprendizado.

Os elementos verbais e a não-verbais “devem ser tratadas como uma unidade total e inseparável”, conforme alerta Knapp (apud Kreps, 1995, p. 53). e/ou em um *continuum* como nos diz Santos (2004) A comunicação verbal faz nossas tarefas acontecerem enquanto que a comunicação não-verbal nos oferece o suporte emocional e social.

Que este artigo possa contribuir para despertar maior atenção para os elementos não-verbais, além disso, desenvolver a sensibilidade para que as mensagens verbais e não-verbais sejam interpretadas de forma associada. A Análise da Conversação, disciplina em que está calcado este trabalho, oferece ao analista possibilidade de interpretação. O que vai tornar o estudo dos elementos não-verbais interpretativo.

8. Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Michail. Estética da Criação verbal. São Paulo, Martins Fontes [1979]. 1992.
- BRANDÃO, Helena Nagamine (org). Gêneros do discurso na escola, 2 ed. São Paulo, Cortez. 2001.
- CASTILHO. Ataliba Texeira de. A língua falada no Ensino de Português. São Paulo. Contexto, 1998.
- DOLZ e SCHENEUWLY, B. Genres et progressio em expression orale et écrite : elements de réflexion à pros d'une experince romande. Enjeux . Tradução de Roxane Rojo, (1996)
- DOLZ e SCHENEUWLY, B.Os Gêneros escolares- das prática de linguagem aos objetos de ensino.Tradução de G.S. Cordeiro. Revista Brasileira de Educação, 11 maio/agosto. 1997.
- HALL, E. T. A dimensão oculta. [Trad. de Sônia Coutinho). Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- INFANTE, Ulisses, Curso de Literaturas de Língua Portuguesa, São Paulo, Scipione, 2001.
- KNNAPP, Mark L. & HALL, Judith A. Comunicação não verbal na interação humana. [Trad. Mary Amazonas Leite de Barros]. São Paulo : JSN, 1999.
- KREPS, G. L. 1995. La Comunicación en las Organizaciones. Wilmington Delaware, USA: Addison - Wesley Iberoamericana, 2ª ed.
- KOCH, I.G.V. (1987) Argumentação e Linguagem. São Paulo,Cortez Editora. 1987.
- KOCH, I.G.V. A inter-ação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 1993. KOCH, I.G.V. e Travaglia, L.C. A Coerência Textual. São Paulo. Editora Contexto. 1990.
- LINS, Neilton Farias. Uma Análise do Gênero do Discurso/Dramatização. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna. Ano 04 n.09-2º. Semestre de 2007. [www.letramagna.com.br].
- MARCUSCHI, L.A. Da fala para a escrita: atividade de retextualização- 4ª ed – São Paulo, Cortez, 2003.
- Oliveira. Cristiano Lessa de, O dêitico gestual como processo no discurso interativo de sala de aula / Dissertação(mestrado em Letras e Lingüística: Linguística) Universidade Federal de

Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística. Maceió, 2007.

RAMOS. Jania M. O espaço da oralidade na sala de aula. São Paulo Martins Fontes. 1997.

ROJO, R.H.R. A prática de linguagem em sala de aula: Praticando os PCN's, São Paulo. EDUC. Campinas: Mercado das Letras. 2004.

SANTOS. M.F.O. Gêneros Textuais: Na Educação de Jovens e Adultos em Maceió, Maceió – AL, FAPEAL, 2004

SANTOS, M.F.O. Professor-Aluno, As Relações de Poder, Curitiba, PR HD Livros, 1999.

SANTOS, M.F.O. A Interação em Sala de Aula. Recife – PE, Editora Bagaço, 2004

TODOROV, T. Os gêneros do discurso. São Paulo, Martins Fontes, 1980.

9. Anexos

9.1. Transcrição O Jardim do Inimigo

((ouvem-se gritos das personagens que entram no cenário acorrentados pelo L1. L1 arruma cada personagem em um determinado lugar, em seguida entra em cena a personagem L2, que toca em cada personagem que está de certa forma aprisionados pelos poderes do de L1.))

((Telespectador falando ao telefone, captado o som na gravação))

L1- ((falar sem olhar para L2))olá jesus! o que fazes tu aqui?

L2 – ((L2 se vira para as personagens como se as tocasse)) vim buscar e salvar a quem um dia havia perdido.

L1 – pois aqui, só vai encontrar uma prostitutazinha, um casal que só falta se matar, um crente sem compromisso, uma mendiga morta de fome, um jovem drogada, o que quer com eles, em? ((aponta para L2 a fim de o identificar e como se desejar o acusar, mas sem olhar para ele))

L2 – sataná, esses sãs não precisam de médico ((L2 aponta para a platéia e em seguida aponta para as personagens que a essa altura ainda estão de costas, como se fosse uma forma de demonstrar o(s) elemento(s) a que se refere)).

L1 – belo discurso seu! quer dizer enTÃO::: que tu ((L1aponta para L2)), vai descer do alto? sentar no trono. colocar suas mãos puras e santas nos meus::((L1bate no peito como um forma de demonstração de poder sobre aquelas pessoas)) cachorrinhos sujos, É:::?

L2 – se for preciso sim, porque ainda há santos na minha presença, dispostos a me honrar, me adorar, me servir. ((L2 aponta para L1)) agora seus SERVos sataná são todos movidos pelo prazer.

L1 – então vai, ((gesticula com se estivesse expulsando L2)) usa teus servos em vão, porque o inferno para onde muitos vão ((L1 aponta para a platéia como se estivesse envolvendo a mesma na peça e as predestinando ao inferno)) é muito pior.

L1 – vamos brincar?

L1- eu vou brincar/ de te acusar, ((L1 aponta para L2, mostrando que é ele que será acusado))
mostrarei o seu pecado de estimação::((L1 pisa no chão com violência como forma de insulto))
aqui em cima ou quer dizer que vocês também não tem pecado.

L1 – e vocês ((aponta para platéia)) querem brincar ou não?

L1 – vamos crianças brinque::m!

L – lalalalalalalala.

L3 – maria eduarda, vanha aqui agora ((bate nas costas L4, e dar-lhe empurrões e novamente tapas nas costas)) já te falei que não quero você na rua, se pega o boato você vai ficar igualzinho a seu irmão prostituta.

L5-L6-L7-L8-L10-L11-L12- - prostituta, prostituta, prostituta.

L5 – e aê priminha! tá quase no ponto em! vem, vem sentar no colinho do papai.

L5-L6-L7-L8-L10-L11-L12- - no colinho do papai, no colinho do papai ((personagens fazem sinais pedindo silêncio), chi::

L4 – e aê cara! ((L4 passa a mão sobre os ombros de L5 como uma forma e conquista e aproximação)) tá afim de um programa? satisfação garantida, já falei essa frase um bucado de vezes, mais nunca era um gato como esse. ((gesticula com as mãos como se tentasse dá vida as suas palavras)) fazer o que né!

L6 – e ai morena! ((L5 e L6 tentam arrastar L4 a força)).

((...))

L4 – o que vocês querem?

L5 – L6 – queremos de graça ((joga L4 no chão)), você é um lixo ((apontam para L4 no chão))

L5-L6-L7-L8-L10-L11-L12- - ((todos apontam para ela))lixo, lixo::

((L4 levanta))

L4 – e daí sou um lixo mesmo, olha meu corpo, tenho apenas 15 anos, tenho a vida inteira pela frente. o que impORta, que satanáas me deu dinheiro enquanto estiver viva.

L4-L5-L6-L7-L8-L10-L11-L12- - lalalalalalalala.

L6 – viram só, todos estão comentando.

L4-L5-L6-L7-L8-L10-L11-L12- - a sua filha é uma drogada, drogada, drogada.

L7 – odeio vizinho, sou drogada mesmo, ninguém tem nada a ver com a minha vida não, entenderam bem, ninguém tem nada a ver com a minha vida.

L8 [cala boca e entra].

L8 – que vergonha! você estudou nas melhores escolas e agora todos os vizinhos estão te chamando de chamando de drogada.

L8 – e o nome da nossa família e a nossa reputação?

L7 – você nunca ligou pra mim e por causa dessa maldita reputação. ((dá um tapa no rosto de L8)).

L8 – você não é mais minha filha, você morreu pra mim, você vai pra rua.

L4-L5-L6-L7-L8-L10-L11-L12- - rua, rua, rua.

L9 – você viram só? a filha da dona ana foi expulsa de casa

L10 – é:: essa drogada tem que morrer mesmo.

L11 – tem que morrer queimada.

L12 – esfaqueada.

L9, L10, L11, L12 – e::nforcada.

L7 – nasci pra rua mesmo, quero ser free, questão de bom senso, maconha? liberdade, cocaína? não preciso de parede! nirvana? para que um teto se eu posso voar.

((Narradora entra no cenário faz narração e sai))

((L12 senta como se estivesse a procura de algo))

L4-L5-L6-L7-L8-L10-L11-L12- - ai que comida noje::nta!

L10 – oh! coisinha tá fazendo o que aqui na minha porta, em?

((...))

L10 – e é meu amor? tem comida pra você aqui não.

L10 – não quero você remexendo no meu lixo, tá entendendo, não você comendo da mesma comida que eu como.

L10 – sai daqui agora, sai ((empurra a cabeça de L12)).

L12 – vocês viram só, é sempre assim. ninguém nunca tem nada pra mim comer.e vocês ai na platéia. é como eu imaginava ninguém nunca tem

L12 – cê tem um marido, quando ele chega em casa olha pra você como a cara de doido, diz que você não sabe fazer um frango direito. carne moída com pão é comida pra cachorro.eu não aguentava mais((..)) não importa a comida seja estragada, importante pra mim é saciar minha fome.

